

NOVO GOVERNO

Boicote continua e Arida não é aprovado ³¹

Senador mineiro impede, de novo, o quórum para aprovar indicação do presidente do BC

CLÁUDIA CARNEIRO
e JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA — O grupo de senadores que está chantageando o governo com o boicote à aprovação do nome do economista Pêrsio Arida para a presidência do Banco Central, para obrigá-lo a garantir na Câmara a anistia ao presidente do Congresso, Humberto Lucena (PMDB-PB), venceu de novo. O Senado não conseguiu reunir ontem 41 senadores para aprovar a mensagem do governo que indica Arida para o BC: só 39 votaram. A Secretaria-Geral da Mesa registrava as presenças de 52 senadores na Casa.

Por causa do corporativismo dos senadores, o BC terá de esperar até o dia 17, data em que a anistia a Lucena será votada pela Câmara. Lucena anunciou ontem, logo depois do fracasso da votação, que vai fazer contato com os líderes de todos os partidos para que garantam presença na próxima semana. Apesar dos pedidos do senador — que teve sua candidatura cassada por imprimir calendários eleitorais na gráfica do Senado —, a previsão é de que a Casa estará mais vazia, porque os senadores tiraram a segunda semana de janeiro para férias. “Não conseguiremos votar antes do dia 17”, previu o senador Pedro Simon (PMDB-RS).

De novo o principal articulador da rebelião fisiológica foi o senador Alfredo Campos (PMDB-MG). Ao lado de Alexandre Coستا (PFL-MA), Henrique Almeida (PFL-AP), Carlos Patrocínio (PFL-TO), Lucídio Portella (PPR-PI) e Pedro Teixeira (PP-DF), Campos cuidou para que não se conseguisse número para dar legalidade à sessão. Eles se esconderam a cinco metros do plenário, na sala do cafezinho.



LUCENA PEDE
AJUDA A
LÍDERES PARA
VOTAR



José Paulo Lacerda/AE

Plenário do Senado: Alfredo Campos convence cinco a se retirar para obrigar Câmara a anistiar Lucena

Patrocínio, Lucídio e Costa agem em causa própria. Com a anistia a Lucena, se livram de processo semelhante, que poderá resultar na cassação de seus mandatos. “Estão usando o Humberto para resolver problemas pessoais”, acusou o senador Ney Suassuna (PMDB-PB), convencido pessoalmente pelo presidente do Senado a abandonar o boicote.

De vez em quando Campos punha a cabeça para dentro do plenário e observava. Quando viu Mansueto de Lavor (PMDB-PE) entrar, ficou fazendo gestos para que este, aliado da noite anterior, se

retirasse. Neste momento, o senador Odacir Soares (PFL-RO) não resistiu e brincou: “Olha o Alfredo ali; vem votar, senador.” Campos correu para o esconderijo.

A sessão foi tão dramática que o líder do PMDB, Mauro Benevides (CE), interrompeu o senador Simon em pleno discurso porque naquele momento o plenário tinha 44 senadores. “Vamos votar, vamos votar”, implorou Simon. Mas os acenos de Campos aos aliados bastaram para retirar cinco Portella, Almeida, Teixeira, Patrocínio e Costa do plenário.

Lucena, que seria o principal beneficiado pela chantagem, procurou os senadores escondidos no cafezinho para implorar que participassem da votação. De nada adiantou. Dos 39 votos presentes, Arida teve 36 a favor e três contra a indicação. Mas a sessão deixou de valer pela falta de apenas dois votos.